Meditações Diárias – 12 dias preliminares
Orações: Ave do Mar Estrela e Vem ó Espírito Criador

7º Dia

A vida mundana e a vida dos fiéis escravos de Maria

1) Viver para o mundo é adorar o que é fugaz. 2) Viver para Jesus e Maria é cultivar o que é eterno. 3) Os bens da Terra degradam. 4) Os bens de Jesus Cristo nobilitam. 5) O mundo cansa e atormenta. 6) Os bens eternos nos enchem de paz. 7) Resoluções.

São transitórios os bens do mundo. Por imensos que pareçam, no seu falso brilho que tenta deslumbrar nossos olhos, eles não alcançam mais do que a nossa vida tão curta.

Se ao menos durassem todo o espaço de nossa existência! Não. Eles são fugazes e enganadores. Tantos prazeres se transformam em lágrimas, tanta honra em desprezo, tanta riqueza em miséria! É o que nos ensina a experiência de todos os dias. Entretanto o homem mundano vive em busca contínua dessas miragens, corre atrás de ilusões e não consegue consolo.

Não vos enganeis: nem os fornicadores, nem os idólatras, nem os avarentos possuirão o reino de Deus (1Cor 6,9-10). Mas, o escravo de Jesus e de Maria se inspira na sabedoria do Céu, que o leva a procurar o permanente e eterno.

Quanto dura o amor de Nossa Senhora? Tanto quanto a eternidade. Por isso Ela multiplica os desvelos, a fim de que passemos santamente a nossa vida tão breve. Ela nos faz estimar a graça de Nosso Senhor, moeda perene da bem-aventurança.

Considerar: *Onde está o teu tesouro aí está o teu coração! Onde está meu tesouro*?

Somos o que amamos. Quando nos voltamos para o lado dos prazeres, das honras, das riquezas não buscando o devido equilíbrio diante dos meios de obtê-los, nossa alma se torna cheia de nódoa e rebaixamento. No entanto fomos criados para coisas mais altas e nobres.

O amor às coisas da terra traz ao coração uma multidão de desordens, apegos, que nos perturbam e nos enchem de tédio.

Como parece vazia a vida de quem se ajusta aos princípios mundanos! Assim como a fome não se sacia senão com alimento, e o coração senão com amor, assim a alma não tem paz nem tranquilidade senão quando descansa em Deus.

Fizeste-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não repousa em Vós. (Santo Agostinho)

O ser irracional criado por Deus vive para o material, procura e encontra a paz nos bens terrestres, ou seja, um burro alegra-se com o feno, o cão alegra-se com um pedaço de carne. Mas a alma criada para amar a Deus e unir-se a Ele não encontra paz nos deleites do corpo, só Deus a pode satisfazer plenamente.

Tenho me voltado para as coisas do Céu ou tenho os olhos da alma voltados para a desordem do mundo?

****

8º Dia

A Morte

1) Todo homem morre. 2) Eu morrerei um dia. 3) Quando? 4) Como? 5) As incertezas na hora da morte. 6) Os sofrimentos. 7) Resoluções.

Incertezas, dramas, aflições, temores... são alguns males dos quais padece nossa sociedade. Possuidora de tantos meios para mitigar todas as formas de dor, e proporcionar tantas formas de prazer, não é capaz, entretanto, de satisfazer os anseios mais profundos do homem. Qual a razão? É que o coração humano é constituído de tal maneira que não pode ficar vazio. Mas como preenchê-lo? De felicidade! Palavra de um timbre encantador, até diríamos, fascinante. Mas como é difícil satisfazê-la... Nosso coração é caprichoso, exigente e não se contenta com qualquer coisa. Pior, ele costuma se vingar quando não lhe oferecemos o Único que pode atender seu anseio: Deus!

A vida presente é uma preparação para a eternidade. Vejamos o que dela pensam alguns santos e teólogos:

A Vida é um instante entre duas eternidades. (*Santa Teresinha do Menino Jesus*)

Quem crê na eternidade e não vive como santo devia ser trancado numa casa de loucos. (Pe. Ávila)

Tempo perdido, tu serás a coisa que os mundanos mais desejarão na hora da morte... (*São Bernardo*)

As pessoas se interessam ao longo da vida por uma porção de coisas: uns querem ter mais dinheiro, outros querem ter mais saúde, outros querem mais prestígio, querem ter mais ciência, mais capacidade, querem ser mais interessantes, querem, querem, querem... Mas, se pensarmos bem, que valor tem essas coisas? Mesmo sendo coisas boas, ao cabo de algum tempo não estão mais nos interessando.

Há um ditado francês que traduz muito bem isso: *tout passe, tout casse, tout lasse, tout se remplace* – tudo passa, tudo se quebra, tudo acaba entediando, tudo se substitui. E chegará um dia em que nós morreremos e que o nosso lugar será substituído por um qualquer. Nós muitas vezes nem sequer penetramos na história e a posteridade nem fica sabendo que existimos, nós desaparecemos no nada.

Há uma coisa que não passa: é a eternidade, que pode chegar a qualquer tempo, do modo mais inesperado e quando menos pensamos.

A morte nos faz deixar tudo: planos, fortunas, empreendimentos, familiares, amigos, fama. Nada resiste a este ladrão que chega sem dar sinal!

No momento em que chegar a hora da eternidade, se formos felizes, seremos por toda a eternidade e, se formos desgraçados, seremos por toda eternidade.

Considerar: O escravo do mundo e o escravo de Maria morrerão. A lei a ambos atinge por igual. Mas, que diferença nos sentimentos: aflição e angústia para os que colocaram todas as esperanças neste mundo, dos quais não querem se separar porque neles puseram toda a sua felicidade. Porém aqueles que se entregaram a Nossa Senhora morrem para os bens desta terra, para a sensualidade, para as satisfações do orgulho. Quanto às satisfações lícitas, estas já estarão nas mãos de Nossa Senhora, de tal sorte que não haverá na morte nenhuma renúncia custosa. A Morte será contemplada sem véus da realidade que antes só se vivia pela fé.

Diante dessa escolha, escravo do mundo e escravo de Maria, como me posiciono?

Para onde pende mais a minha balança? Para o mundo ou para Deus? Para a virtude ou para o pecado?

****

9º dia

O Juízo particular e o Juízo final

1) O medo de ser julgado 2) Quem é o Juiz? 3) O juiz Justíssimo. 4) O exame de meus pecados. 5) Não há defesa nem desculpas. 6) A sentença é eterna e imutável. 7) O juízo universal.

Considerando bem, não há no mundo atualmente quem seja mais desprezado que Jesus Cristo. Trata-se com mais consideração um aldeão do que o próprio Deus. Receiam que o aldeão, ao ver-se por demais ofendido, se encolerize e tire vingança. Deus, porém, é ofendido incessantemente e de caso pensado, como se não pudesse vingar-Se quando quisesse. Por isso o Senhor marcou um dia (chamado com razão, na Escritura Sagrada, o dia do Senhor, Dies Domini), quando vai dar-Se a conhecer tal como é. (Pe. Thiago Maria Cristini, C. SS. R., Meditações para todos os dias do ano tiradas das obras de Santo Afonso Maria de Ligório)

Grande é a emoção dos réus quando são arrastados à barra dos tribunais humanos. Ali se vai decidir a sua felicidade e honra. Contudo, eles podem nutrir a esperança de que talvez os juízes ignorem toda sua culpabilidade... Não é assim ante o julgamento clarividente de Deus, naquele momento já eterno em que nos fixamos naquilo que tivermos escolhido durante a existência terrena. Deus nada ignora: palavras, ações, pensamentos, motivos inconfessados de nosso procedimento. Tudo vemos num instante, na luz reveladora de Deus. Todos os nossos erros, nossas omissões, nosso desamor ao próximo, os escândalos por nós provocados. As graças recebidas e desprezadas, nossas paixões desregradas.

O dia do juízo, assim como será para os réprobos um dia de pena e de terror, será, ao contrário, para os escolhidos um dia de regozijo e triunfo; porque, então, à vista de todos os homens, as suas bem aventuradas almas serão proclamadas rainhas do Paraíso e feitas esposas do Cordeiro imaculado. Oh! Que ventura experimentarão os bem-aventurados, quando Jesus, voltando-se para a direita, lhes disser: "Vinde, meus benditos filhos, vinde possuir o Reino dos Céus que vos foi preparado”.

Tememos ante o juízo terrível de Deus. E esse supremo Juiz, no limiar da eternidade, vai pronunciar a sentença inapelável, que será a consequência lógica da escolha que se fez entre o espírito do mundo e o espírito de Jesus Cristo. Na balança da justiça divina não vão pesar as riquezas, as honras, mas as obras do amor de Deus. (Sugestão de meditação: Evangelho de São Mateus 25, 31- 46)

Ao som da trombeta as almas gloriosas dos Bem-aventurados descerão do Céu, para se unirem aos corpos com que serviram a Deus nesta vida; e as almas infelizes dos condenados subirão do inferno para se unirem aos corpos malditos com que ofenderam a Deus. Oh, que diferença haverá então entre os corpos dos Bem-aventurados e os dos condenados! *Os Bem-aventurados aparecerão belos, puros, resplandecentes como o Sol. (Mt. 13, 43).*

Feliz de quem nesta vida sabe mortificar a carne, recusando-lhe os prazeres proibidos; ou, para refreá-la mais, lhe recusa até os gozos permitidos, como fizeram os santos! Como estará então contente por ter vivido assim um São Pedro de Alcântara, que depois da morte disse a Santa Teresa: "Feliz penitência, que tamanha glória me alcançou".

Meu Jesus e meu Redentor, Vós, que um dia deveis ser meu Juiz, perdoai-me, antes que chegue esse dia. *Ne avertas faciem tuam a me – "Não afasteis de mim a vossa face".* Agora sois meu Pai, e como Pai recebei na vossa graça um filho que volta arrependido aos vossos pés. Meu Pai, peço-Vos perdão: Fiz mal em Vos ofender; fiz mal em me afastar de Vós; não mereceis ser tratado como Vos tratei. Arrependo-me disto e detesto-o de todo o coração; perdoai-me! *Ne avertas faciem tuam a me;* não afasteis de mim a vossa face, não me repilais, como merecia. Lembrai-Vos do Sangue que derramastes por mim, e tende piedade de mim.

Meu Pai, amo-Vos e não mais me quero afastar de Vós. Esquecei as injúrias que Vos fiz, e dai-me um grande amor para com a vossa Bondade. Desejo amar-Vos mais do que Vos ofendi; mas, sem vosso auxílio, não vos posso amar. Ajudai-me, meu Jesus: Fazei-me viver grato ao vosso amor, para que nesse dia eu seja, no vale do Juízo, do número de vossos amigos. – Ó Maria, minha Rainha e minha Advogada, socorrei-me agora; porque, se vier a perder-me, não me podereis mais valer nesse dia. Vós orais por todos, orai também por mim, que me prezo de ser vosso servo devoto e tanta confiança deposito em Vós. (Santo Afonso tomo III, págs. 48 - 51, Friburgo em Brisgau, Alemanha, 1921.)

Considerar: Quantas vezes penso que um dia serei julgado? Quantas vezes considero que posso morrer daqui a instantes? Quantas vezes me coloco diante dessa realidade, dura, é verdade, más que muito me auxilia a não pecar?

****

10º dia

O inferno

Considerar: horror e desespero eterno para os condenados.

Sim, o Inferno existe: tal é a fé católica, e aquele que não guarde esta fé fiel e firmemente, não poderá ser salvo. É o que está dito no final do Símbolo atribuído a Santo Atanásio, Doutor e Padre da Igreja, que viveu no século IV. Este Símbolo de Santo Atanásio é recitado no Breviário, em Prima, na festa da Santíssima Trindade.[1]

Também o Concílio Vaticano II, na Lumen Gentium, traz, no nº 48: Enquanto habitamos neste corpo, vivemos no desterro longe do Senhor (2Cor 5, 6)... se quisermos entrar com Ele às núpcias, mereçamos ser contados entre os escolhidos (cf. Mt 25, 31-46). Não seja como o que se deu com aqueles servos maus e preguiçosos (cf. Mt. 25, 26) e sejamos lançados no fogo eterno (cf. Mt. 25, 41), às trevas exteriores onde haverá choro e ranger de dentes (Mt. 22,13 e 25,30). Com efeito, antes de reinar com Cristo glorioso, todos devemos comparecer diante do tribunal de Cristo para dar conta cada um, segundo as obras boas ou más que tiver feito em sua vida mortal (2Cor 5,10); e no fim do mundo os que agiram bem irão para a ressurreição da vida, os que agiram mal, para a ressurreição da condenação (Jo 5, 29; cf. Mt 25,46).

A Santa Igreja, nascida do flanco aberto do Salvador, anunciou a todos os povos o Evangelho, obedecendo ao mandato do Redentor: *Ide e ensinai a todos os povos* (Mt 28, 19).

Nos Apóstolos, nos Padres da Igreja, nos Santos e nos teólogos de todos os tempos e lugares encontraremos o eco das palavras de Nosso Senhor.

Virá o senhor daquele servo (mau) no dia em que ele não espera e na hora que ele não sabe, e o separará, e porá a sua parte entre os hipócritas: ali haverá pranto e ranger de dentes (Mt 24, 40-44).

---

1) cf.Dom A. Coelho, O.S.B., Cours de Liturgie Romaine, tome I, p.42., apud G.Panneton, Le Ciel ou l'Enfer, Beauchesne, Paris, 1956, pp. 52/56.

Ai daqueles que dão seu coração às riquezas! A esses dirigiu-se o Divino Mestre ao narrar: *Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo... morreu... e foi sepultado no Inferno. E, quando estava nos tormentos, levantando os olhos, viu ao longe Abraão, e Lázaro (o mendigo que tinha sido desprezado) no seu seio; e, gritando, disse: Pai Abraão, compadece-te de mim, e manda Lázaro que molhe em água a ponta do seu dedo, para refrescar a minha língua, pois sou atormentado nesta chama. E Abraão disse-lhe: Filho, lembra-te que recebeste os (teus) bens em tua vida, e Lázaro, ao contrário (recebeu) males; por isso ele é agora consolado, e tu és atormentado. E, além disso, há entre nós e vós um grande abismo; de maneira que os que querem passar daqui para vós, não podem, nem os de aí (podem) passar para cá.*

E disse (o rico): Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes Lázaro à casa de meu pai. Pois tenho cinco irmãos, para que não suceda virem também eles parar a este lugar de tormentos. E Abraão disse-lhe: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.

Ele, porém, disse: Não (basta isso), pai Abraão, mas se algum dos mortos for ter com eles, farão penitência. E ele disse-lhe: Se não ouvem Moisés e os profetas, tão pouco acreditarão ainda que ressuscitasse algum dos mortos (Lc 16, 19-31).

O inferno é dogma de Fé. Esta fé foi proclamada ainda nas definições dogmáticas dos Concílios de Constantinopla (553), o IV de Latrão (1215), de Florença (1439). Mais recentemente, é o que ensina Pio XII, numa alocução aos juristas católicos italianos:

A revelação e o magistério da Igreja estabelecem firmemente: Após o final da vida terrena, aqueles que são culpados de pecado grave serão submetidos pelo Senhor Supremo a um julgamento e sofrerão um castigo que não comporta nem perdão nem libertação.[2]

Inúmeras são as referências a ele nas Sagradas Escrituras.

Nossa Senhora quando apareceu em Fátima, mostrou-o aos três pastorzinhos, que se encheram de pânico e pavor diante da imagem que se lhes apresentava: "Vimos como que um mar de fogo; mergulhados nesse fogo vimos os demônios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras, ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que delas mesmas saíam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhantes ao cair das fagulhas dos grandes incêndios, sem peso nem equilíbrio, entre gemidos de dor e desespero que horrorizavam e faziam estremecer de pavor. Os demônios distinguiam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como carvões em brasa".

É salutar considerarmos os tormentos do inferno e quão insensatos somos quando, ao querer satisfazer prazeres fugazes, entregamo-nos ao pecado, ofendendo de forma infinita a Deus, que é o Bem Infinito.

Quando unida ao corpo da terra a alma não conhece bem tudo o que representa Deus para ela. Porque os sentidos desregrados a solicitam para o mal.

Amigo, ore comigo: "Senhor JESUS, derrama sobre mim teu Santo Espírito. Eu confesso com a minha boca que Tu és meu único Salvador e Senhor. Livra-me, JESUS, do fogo do inferno. Ó MARIA concebida sem pecado original, rogai por nós que recorremos a vós. Amém". Considerar: Quantas vezes pensei que por causa de meus pecados e a ofensa a Deus, mereci o inferno com as penas eternas?

****

11º Dia

O Paraíso Celeste

1) A felicidade inimaginável. 2) A ausência de todo mal: pecados, tentações, dúvidas, dores.
3) Beleza e grandeza do Paraiso Celeste. 4) A companhia dos anjos e dos santos.
5) A companhia de Nossa Senhora. 6) A música celestial. 7) A companhia de Nosso Senhor Jesus Cristo.
8) O entendimento completo da verdade. 9) O amor completo do Bem.

A vida eterna consiste em conhecer o Deus verdadeiro aqui na terra e depois no Céu. Essa visão torna completamente felizes os bem-aventurados. *Seremos semelhantes a Ele, porque o veremos como ele é.* (1Jo 3,2)

---

2) Lessius, De perfectionibus moribusque divinis, 1, XIII, cap XXV.
Quatuor sunt mysteria nostrae sanctissimae fidei maxime difficilia creditu menti humanae: mysterium Trinitatis, Incarnationis, Eucharistiae et aeternitatis suppliciorum citado por Pio XII no Discurso aos Juristas católicos italianos em 5 de fevereiro de 1955. apud José Ricart Torrens, Du nombre des élus, trad. A. de Lassus, Nouvelles Editions Latines, Paris, 1965, pp.40-41.

Àquilo que ao presente é momentâneo e passageiro nas nossas tribulações, prepara-se um prêmio imenso e eterno de glória.

Deus é perfeitíssimo no poder e sabedoria, na formosura e santidade, na bondade e misericórdia, em tudo quanto é belo e amável. Por isso, a nossa felicidade na outra vida consiste essencialmente no conhecimento que é acompanhado do amor correspondente. Esse conhecimento e amor constitui a principal felicidade dos bem-aventurados.

O Céu pode definir-se, portanto como o lugar onde os que morreram na graça de Deus e nada têm a expiar pelos seus pecados, gozam de toda a felicidade, sem mistura de mal nenhum.

Em sua 1ª Epístola aos Coríntios (13, 10-12) escreve o Apóstolo das gentes: Agora vemos a Deus como por um espelho, em enigma. Então o veremos face a face. Aqui o conhecemos imperfeitamente; lá o conheceremos como Ele nos conhece.

Nenhum olho jamais viu, nenhum ouvido jamais ouviu, nenhuma inteligência nunca pode entender o que Deus prepara para os que O amam. (1Cor 2,9)

Sonho de São João Bosco sobre o Céu

De repente pareceu encontrar-me sobre um pequeno monte ou colina, ao bordo de uma imensa planície, cujos confins se perdiam de vista na imensidade; era azulada como o mar em calma, se bem que o que eu visse não fosse água; parecia um cristal puro e luzidio. Sob meus pés, atrás de mim e aos lados via uma região à maneira de um litoral às margens do Oceano.

Largos e gigantescos passeios dividiam a planície em vastíssimos jardins de inenarrável beleza, todos divididos em pequenos bosques, prados e canteiros de flores, de formas e cores diversas. Nenhuma de nossas plantas pode dar-nos uma ideia daquelas, se bem que tenham alguma semelhança.

As ervas, as flores, as árvores, as frutas, eram vistosíssimas e de belíssimo aspecto. As folhas eram de ouro; os troncos e ramos, de diamante, correspondendo o resto a essa riqueza.

Era impossível contar as diferentes espécies; e cada espécie e cada flor resplandeciam com uma luz especial. Em meio aqueles jardins e em toda a extensão da planície eu contemplava inúmeros edifícios de uma ordem, beleza, harmonia, magnificência e proporções tão extraordinárias, que para a construção de um só deles parecia que não bastariam todos os tesouros da terra.

Eu dizia para mim mesmo: “Se meus filhos tivessem uma só destas casas, como gozariam, que felizes seriam e com quanto gosto viveriam nela!” E pensava isto quando podia ver esses palácios apenas por fora. Qual não seria sua magnificência interna!

Enquanto contemplava extasiado tão estupendas maravilhas como as que adornavam aqueles jardins, chegou aos meus ouvidos uma música dulcíssima e de tão grata harmonia, que não posso dar-vos uma ideia adequada dela. Eram cem mil instrumentos, que produziam cada, um som diverso do outro, enquanto todos os sons possíveis difundiam pelo ar suas ondas sonoras. A estes uniam-se os coros dos cantores.

Vi então uma multidão de gente que se encontrava naqueles jardins e se regozijava alegre e contente. Cada voz, cada nota, tinha o efeito de mil instrumentos reunidos, todos diferentes uns dos outros. Ao mesmo tempo ouviam-se os diversos graus da escala harmônica, desde os mais baixos até aos mais altos que se possa imaginar, mas todos em perfeita harmonia. Ah! Para descrever esta harmonia não bastam comparações humanas.

Via-se, pelo rosto daqueles felizes habitantes do jardim, que os cantores não só sentiam um extraordinário prazer em cantar, mas ao mesmo tempo sentiam uma imensa felicidade ao ouvir cantar os demais. E quanto mais um cantava, mais se lhe acendia o desejo de cantar, e quanto mais escutava, mais desejava escutar.

Seu canto era este: *Salve à honra, à glória de Deus Pai Onipotente!... Aquele que há de julgar os vivos e os mortos pelos séculos dos séculos.*

Adiantou-se Domingos Sávio só e se manteve perto de mim. Não dizia nada e olhava-me sorrindo. Como estava formoso! Seu vestido era realmente singular. Caía-lhe até aos pés uma túnica alvíssima coalhada de diamantes e toda tecida de ouro. Cingia a sua cintura uma larga faixa vermelha recamada de tantas pedras preciosas que tocavam uma na outra, entrelaçando-se num desenho maravilhoso, oferecendo tanta beleza de colorido, que eu, ao vê-lo, sentia-me fora de mim pela admiração.

Pendia-lhe ao pescoço um colar de flores muito perfeitas; parecia que as folhas eram de diamantes unidos entre si sobre talos de ouro; e assim tudo o resto. Estas flores refulgiam com luz sobre-humana mais viva que a do sol, que naquele instante brilhava com todo o esplendor de uma manhã de primavera, refletindo seus raios sobre aquele rosto cândido e rubicundo de maneira indescritível, iluminando-o de tal forma, que não se podiam distinguir bem os seus diversos traços.

Levava sobre a cabeça uma coroa de rosas; caía-lhe sobre os ombros em ondulantes cachos a formosa cabeleira, dando-lhe um ar tão belo, tão afetuoso, tão encantador, que parecia um serafim!

Domingos me apresentou um magnífico "bouquet" que tinha na mão. Havia nele rosas, violetas, girassóis, gencianas, lírios, sempre-vivas e entre as flores, espigas de trigo. Ofereceu-me e disse-me:

— Vede!

— Vejo, mas não entendo nada.

— Dai este ramalhete a vossos filhos para que possam oferecê-lo ao Senhor quando chegue o momento; procurai que todos o tenham; a ninguém lhe falte nem o deixe tirar. Tende a certeza de que com ele terão o bastante para serem felizes.

— Mas que significa este "bouquet"?

— Consultai a Teologia; ela vô-lo dirá e vos dará a explicação.

— A Teologia a tenho estudado, mas não saberia como tirar dela o significado do que me apresentas.

— Pois tendes a estrita obrigação de saber tudo isto.

— Vamos, acalma a minha ansiedade, explica-me tu.

— Vedes estas flores? Representam as virtudes que mais agradam ao Senhor.

— Quais são?

— A rosa é símbolo da caridade; a violeta, da humildade; o girassol, da obediência; a genciana, da penitência e da mortificação; as espigas, a comunhão frequente; o lírio indica a bela virtude da qual está escrito: Erunt sicut Angeli Dei in caelo: a castidade. E a sempre-viva significa que estas virtudes devem durar sempre, e simboliza a perseverança.

— Muito bem, querido Domingos: tu, que durante tua vida praticavas todas estas virtudes, diz-me: que foi o que mais te consolou na hora da morte?

— Que pensais vós que possa ser? — respondeu Domingos.

— Foi talvez haver conservado a bela virtude da pureza?

— Não, não foi só isto.

— Alegrou-te talvez ter a consciência tranquila?

— Bem, é isto, mas não foi o melhor.

— Acaso haverá sido teu consolo a esperança do paraíso?

— Tão pouco.

— O que foi então? O haver acumulado muitas outras boas obras?

— Não, não!

— Então, qual foi teu consolo naquela última hora? — disse-lhe entre confuso e suplicante, vendo que não lograva adivinhar.

— O que mais me confortou no transe da morte foi a assistência da poderosa e amável Mãe do Salvador. Dizei-o a vossos filhos; e que não se esqueçam de invocá-la em todos os momentos de sua vida.

Considerar: Quantas vezes eu medito sobre o Céu? Na sua grandeza, nas delícias eternas da visão Beatífica? Quantas vezes eu me entrego a este bom pensamento, verdadeiro bálsamo nestes dias cinzentos em que vivemos e que me enche de forças e de ânimo para continuar lutando pelo bem, pela virtude, pela Igreja?

****

12º Dia

As promessas do batismo

1) No batismo fiz várias promessas. 2) O que eu prometi, pelos lábios de meus padrinhos:
- Renunciar a Satanás. 3) Quem é ele? Estou disposto a renunciar a ele novamente?
4) Renunciar suas pompas e suas obras? Ao espírito do mundo e aos pecados?

Através do batismo nos tornamos filhos de Deus, e a própria Vida Divina passou a habitar em nós, abrindo-nos à vida da graça.

Nosso juramento não foi negativo, apenas. Mas prometemos uma inviolável fidelidade a Nosso Senhor Jesus Cristo. Temos observado nossa fidelidade?

Temos nos esforçado para sermos dignos de Nossa Mãe Imaculada?

Considerar: A consagração que farei é uma renovação solene dessas promessas. Quero renová-las e estou decidido a cumpri-las?